

Al Berto e a desidentidade lusa

KENEDI SANTOS AZEVEDO*

Resumo

A obra do poeta português Al Berto, configura-se como um canto à desidentidade lusa, isso ocorre desde seu livro de estréia na literatura *À procura do vento num jardim d'Agosto*, até o último publicado *Horto de Incêndio*, todos inseridos na antologia *O Medo*, de 2009. Tenciona-se mostrar, por meio de uma leitura analítica, as imagens que instituem a identidade portuguesa e que é subvertida por Al Berto. Para tanto, tomar-se-á como embasamento teórico os livros do ensaísta Eduardo Lourenço *A Nau de Ícaro* e *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, de 2001.

Palavras-chave: Desidentidade; Al Berto; Literatura Contemporânea.

Al Berto and the lusa disidentity

Abstract

The work of the Portuguese poet Al Berto, appears as a corner to the lusa disidentity, this happens since his debut book in the literature *À procura do vento num jardim d'Agosto*, until the last published *Horto de Incêndio*, all included in the anthology *O Medo*, 2009. It is intended to show, by means of an analytical reading the images establishing the Portuguese identity and which is subverted by Al Berto. To this end, it will take as the theoretical basis the books of essayist Eduardo Lourenço *A Nau de Ícaro* and *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, 2001.

Key words: disidentity; Al Berto, Contemporary Literature.



* **KENEDI SANTOS AZEVEDO** é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professor de Literatura Brasileira e Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas.

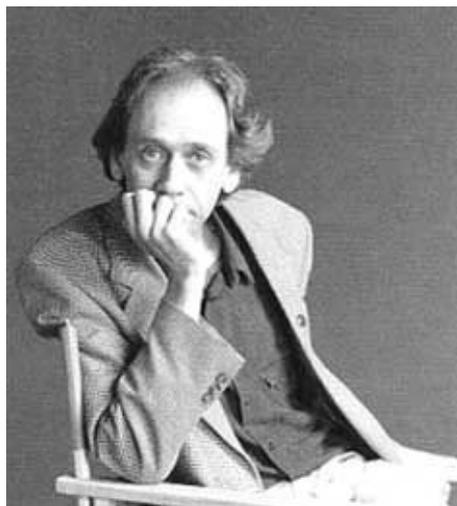
Introdução

As três últimas décadas do século XX, em Portugal, destacam-se pelas mudanças que ocorreram nos cenários políticos, social e cultural. Na Literatura ouvem-se as vozes de uma nova geração que emerge com um novo tempo. Intelectuais envolvidos com a revolução ocorrida no país, nesse período, buscam um novo rumo para as letras portuguesas.

Na poesia, por exemplo, muda-se a dicção e a estrutura dos poemas; permeiam-se temas que vão da morte, desassossego, nostalgia, até a reabilitação de uma subjetividade quase perdida pelo grupo de 61. Surge o fenômeno de desconstrução que configurará muitos romances, atingindo do mesmo modo alguns poetas que ajudam a encerrar, já na viragem do milênio, os mitos ocorridos até então e reiterados na literatura.

Dentre os nomes de poetas que surgem na contemporaneidade, deve-se destacar Al Berto, pseudônimo de Alberto Pidwell Tavares. Nome de maior relevância quando falamos na desintegração dos mitos portugueses na atualidade. Em sua antologia, *O Medo*, esse aspecto ocorre constantemente, chegando até o livro que remata sua produção poética.

Destarte, tencionamos mostrar que há em seus poemas a dessacralização dos mitos e conseqüentemente a instituição da desidentidade por meio da desconstrução do ideário português. Para tanto, tomaremos como base teórica os livros do ensaísta Eduardo



Alberto Raposo Pidwell Tavares
(1948-1997)

Lourenço que explora esses aspectos da cultura lusa.

Deste modo, discorreremos primeiramente sobre as imagens e miragens da lusofonia que se estabeleceram no decorrer dos séculos e têm em Camões o patriarca da literatura responsável pela mitificação das figuras da lusofonia. Em seguida, abrimos um

tópico mostrando que Al Berto, diferentemente do poeta de *Os Lusíadas*, subverte toda essa problemática criada em torno das navegações e dos heróis dessa época. Sendo assim, fechamos nossa análise demonstrando que ocorre nos livros do poeta do medo, desde seu livro de estreia até o último, a construção da desidentidade lusa.

1. Imagens da lusofonia

Há um estilhamento da cultura e dos mitos portugueses na obra do poeta Al Berto que vai desde seu primeiro livro de poemas *À procura do vento num jardim d'Agosto*, publicado primeiramente em 1974, reiterando-se assim posteriormente nas outras obras, como no último, *Horto de Incêndio*.

As imagens, miragens e paisagens da lusofonia são subvertidas constantemente na literatura portuguesa contemporânea, poetas e prosadores revisitam preteritamente os eventos que ajudaram na construção da identidade portuguesa: imagem do mar como mito do progresso e das descobertas; o Portugal-Império dominando as grandes navegações e as grandes colônias; o cais ou as praias lusitanas, ponto de partida e

de chegada das riquezas da coroa; além do mito-Camões, responsável pela mitificação e sacralização da cultura portuguesa por meio de seu épico poema *Os Lusíadas*.

Os livros de Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino seguido de Miologia da Saudade* e *A Nau de Ícaro*, ambos de 2001, versam sobre a mitologia criada em torno das imagens da lusofonia apontando para um presente vivido entre a realidade e o sonho no qual o país está passando. Além de tecer considerações acerca de Portugal no fim do milênio passado, vislumbrando algum futuro para o povo peninsular que constantemente busca meios de alimentar o melancólico imaginário daquele período áureo. Como diz o estudioso.

Mas, uma vez terminada a aventura, desfeito o império da história, transformado numa mera carga de sonhos o precioso comércio do Oriente, restava-nos como herança um Portugal pequeno e um imenso cais, onde durante séculos relembramos a nossa aventura, numa mistura inextricável de autoglorificação e de profundo sentimento de decadência e de saudade. Não é por acaso que Pessoa lembra na “Ode marítima” – epopéia melancólica do nosso tempo de império perdido – que “[...] todo cais é uma saudade de pedra.

Este tempo profundo da nossa história de povo-saudade não é apenas, nem essencialmente, um tempo passado, constituindo antes uma espécie de eterno presente, por vezes tão excessivo que obscurece a nossa atualidade de povo do século XX, retornado desde a revolução dos cravos às suas fronteiras européias exíguas (LOURENÇO, 2001a, p. 58).

É, contudo na viragem do século e consequentemente do milênio que os pressupostos históricos, tidos como verdades absolutas, desintegram-se, formando uma nova ótica sobre o passado, sobretudo na pós-revolução dos cravos. Esse “eterno presente” dito por Lourenço constitui-se no pretérito retorno do imaginário português aos eventos que fizeram do país uma potência marítima, tornando-os esse povo-saudade de um tempo que “obscurece a nossa atualidade”, isto é, a tentativa de desvencilhamento dessa “saudade de pedra” para viver um novo momento, agora com a adaptação ao pensamento europeu. Desta maneira, a ficcionalização histórica por parte dos escritores contemporâneos singra outros mares, no qual ocorre o naufrágio das naus conduzidas pelos navegadores, consagradas por Luís de Camões dada o cariz de mistério por Fernando Pessoa.

Como já fora dito e redito em inúmeros trabalhos acerca dos mitos da cultura portuguesa, Camões é o responsável pela criação e calcificação da mitologia instituída a partir das imagens da lusofonia, cantada n’Os Lusíadas, assim “Portugal existe porque existiu e existiu porque Camões o salvaguardou na sua memória, como a dos Hebreus se perpetua na *Bíblia* (LOURENÇO, 2001b, p. 32). Após essas considerações chegamos a um ponto importante para se apreender a *new generation* que se propõem a destituir de qualquer mitificação as imagens do Portugal antigo.

A queda das metanarrativas que se estabelece neste período, que muitos intelectuais das letras o chamarão de pós-moderno, desfaz as verdades cristalizadas pela história, preenche os vazios e argumenta questões tidas como inquestionáveis. A Bíblia é um dos exemplos de metanarrativa para o

mundo cristão, assim como o poema épico de Camões é a metanarrativa do povo português. Deste modo, nas palavras de Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira.

No diálogo implícito do texto (Mensagem) com o arquitexto (Os Lusíadas) e com o contexto (patriotismo pequeno-burguês de seu tempo), Fernando Pessoa opera uma múltipla subversão. Em primeiro lugar despreza a moldura narrativa para a sua épica particular. Recusa a continuidade histórica enquanto sucessão de fatos e efeitos heróicos em favor de uma eleição subjetiva de figuras e valores tornados símbolos e, portanto, destituídos de sua substância puramente factual. Ao mestre quinhentista, Pessoa subtrai a norma da fidedignidade, pois aos olhos das vanguardas modernistas, ela não importa mais. Ao escrever a sua história de Portugal, Pessoa abjura a História para entronizar seu desejo seletivo (OLIVEIRA, 2004, p. 49, 50).

Como se percebe Fernando Pessoa já começa a subverter a história dos heróis portugueses subtraindo “a norma de fidedignidade”, mas apesar de renunciar os eventos tidos como verdadeiros e exaltados por Camões, Pessoa toma essas “figuras e valores tornados [tornando-os] símbolos” desse mesmo período, isto é, concretiza-os por outro viés.

Entretanto, com o fim da ditadura, da colonização em África e com a pós-revolução dos cravos que se inicia a plena subversão desses fatos históricos. O romancista António Lobo Antunes escreve em *As Naus* o retorno dos heróis do período das navegações desconstruindo toda a história, as personalidades e o caráter desses homens que ajudaram na concretização

dos mitos criados em torno desses acontecimentos.

Al Berto não faz diferente, usando-se de sua produção poética, constrói para o povo que vive a olhar para o horizonte embaçado do futuro, um percurso anti-épico onde o mar cristalizou-se tornando apenas sal, onde a cidade vive um caos e as areias do cais são habitadas por figuras que nada lembram os homens que aportaram essas paragens com as riquezas coloniais.

A viagem que antes fora pelo mar subjaz, iniciando uma nova trajetória, agora por terra, assim já dizia José Saramago ao iniciar o romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, “Aqui o mar acaba e a terra principia” (SARAMAGO, 1988, p. 7). Se os modernistas propunham-se a uma renúncia do passado, Al Berto quer uma revisitação, uma reconstrução assim como a instituição de uma desidentidade lusa.

2. Subvertendo os mitos

O mar de Al Berto não é mais dos “barões assinalados”, nem de viagens para descobrir terras novas, muito menos da ilha dos amores; o mar de Al Berto é um mar de regressos no qual o sal impera e os mitos, substituídos, como *O mito da sereia em plástico português*, em que o eterno mar português carrega apenas os detritos do próprio povo que o consagrou.

eu vi/ a sereia de plástico construir um país/ e um veleiro para se evadir na direção doutras ilhas/ levando por bagagem os detritos dados-à-costa: garrafas barncas de gin nocturno sapatos inchados panos preservativos usados cacos de louça embalagens carcomidas cartões de caixas ao vento velas da imensa jangada vestígios de comida rápida pentes vidros filmes madeiras fotografias que o tempo

recusa morder (AL BERTO, 2009, p. 86) [italico do autor].

A sereia de plástico constrói um país, um país no qual o mar carrega os resquícios da *belle époque* onde esse espaço aludia o sucesso das conquistas e do renovo. Contudo, a imagem do veleiro remete a ideia de libertação das amarras daquele período naufragado, mas que teima em voltar por meio da memória nostálgica, e mesmo melancólica dos portugueses. Portugal vive uma nova situação, um novo momento. Depois de desprender-se das garras da ditadura, tenta reconstruir-se, já que o caos predomina e a sensação de paragem da história ressoa por todo o consciente nacional.

Essas mudanças que ocorreram nas últimas décadas do século XX, influenciaram não apenas a sociedade portuguesa, mas também a verve literária, que já se via diante de uma nova proposta na produção prosaica e poética. São esses intelectuais os responsáveis por essa mutação a que o país está passando. De acordo com o estudioso Manuel Frias Martins.

O dia 25 de Abril de 1974 não inaugurou unicamente um complexo processo de transformações econômicas, sociais e políticas; ele inaugurou também uma nova situação cultural de cuja evolução o escritor se sentia *protagonista activo*. Mais do que em qualquer outro período da História portuguesa contemporânea, é com o 25 de Abril que o escritor se sente solicitado imperiosamente solicitado pelas circunstâncias históricas que o envolvem e lhe penetram a pele até ao mais fundo de si. Ser português em Portugal era estar no epicentro de um fascinante turbilhão de emoções, desejos, ideais e ideias, num quadro nublado pela embriaguez da liberdade e marcado pela unidade antifascista

(MARTINS, 1986, p. 15, 16) [grifo do autor].

E esse espírito de liberdade não era apenas de cunho político, como também cultural. No mito-Camões ocorrem várias tentativas de parodização, não no sentido zombeteiro como praticavam os irreverentes modernistas, mas, desconstrutivo, sobretudo com *Os Lusíadas*. O poema Salsugem é um dos exemplos de subversão do poema épico na obra de Al Berto que, dividido em nove partes inicia assim “aqui te faço os relatos simples/ dessas embarcações perdidas no eco do tempo/ cujos nomes e proveito de mercadorias/ ainda hoje transitam de solidão e solidão” (AL BERTO, 2009, p. 299).

O relato, em forma de poema, faz alusivas citações d’*Os Lusíadas*, como elementos, ambientes e episódios. Somos colocados diante de embarcações arruinadas que singram um novo mar, mas que ainda carrega resquícios do passado, metamorfoseando o ideal nacional em uma solidão extrema, predominante na contemporaneidade, vejamos o excerto que confirma isso “a pouco e pouco habituei-me à solidão deste quadrante/ sem destino/ o fogo devorou as esperanças duma possível felicidade/ espero com as aves uma mudança brusca de tempo/ ou o regresso às simples profecias (idem., p. 304).

Diferentemente dos homens da época das descobertas, que almejavam a felicidade por intermédio do destino de um país que crescia seu poderio por vários continentes, no poema tem-se a esperança devorada pelo fogo e uma expectativa de mudança; há a substituição da instituição do destino pelo “regresso às simples profecias”, contidas no livro de Camões.

A sensação de medo imbuí-se na consciência do sujeito poético cujos

“passos alucinados pelas lajes do porto/ ressoavam no medo... medo que o mar o acorde/ e descubra que não existe mar nenhum (idem., p. 305), porque aquele mar já não existe, apenas o mar da sereia em plástico português. O poema 5 faz maior referência ao poema épico, contudo é por meio da desconstrução que se configuram as imagens sobressalentes dos mitos portugueses.

o mar arrasta
depois atira o corpo para fora do
sonho que me roubou
e a noite
a violenta noite das marés
arremessa contra a cama
velhas madeiras restos de vestuário
pedaços de corpos
envoltos no coral... rostos
órgãos corroídos pela ferocidade
dos peixes

qualquer porto era bom para
embarcar
fugir às tribos e ao sol impiedoso
ir em busca de sossego noutras ilhas
nocturnas
outros desertos onde o amor se
revela e os olhos ficam atentos
ao movimento luminoso dos corpos
atravessando
os dias lentos sem regresso

queimava as horas de viagem a
esmagar saliva
aprendia a sonâmbula fala dos
golfinhos
os dedos enlouquecidos pelas
amarras
gritava... <<Ó Fogo de Santelmo!
Ajuda! Ajuda!>>

e da insuspeita travessia para sul
vinha a poeira da noite com
embriagante perfume a orquídeas
e a ilusão das suaves índias que não
conheço
(AL BERTO, 2009, p. 303).

Está-se ante a fragmentação do sujeito em meio ao mar que arrasta e constrói no novo espaço a imagem subvertida da identidade portuguesa, são apenas restos, estilhaços de corpos envoltos no coral, e o constante desassossego, a ponto de se propor a busca de sossego noutras ilhas, no entanto, são ilhas noturnas, não de amores em claridade do sol, dando-nos a entender o excesso da vida do ser que está por um fio e ao mesmo tempo grita “Ó Fogo de Santelmo! Ajuda! Ajuda!”, preferindo, assim, o fogo, a uma morte, dissolutamente imerso, em um mar irrealizado atualmente, onde se vive a eterna ilusão, ou mesmo desilusão, “das suaves índias que não conheço”, deste modo, “alinhando palavras como suprema razão existencial” (MOISÉS, 2008, p. 494).

O sujeito poético presencia o “movimento luminoso dos corpos atravessando/ os dias lentos sem regresso”. Há realmente uma suspensão na história fazendo com que o tempo torne os dias lentos. No seu *Um Romance de Impoder*, Luís Mourão (1997) considera “que os anos de 1978-79 são os anos em que a nossa ficção se dá conta de que a história parou” (p. 21) e isso faz com que o leitor português seja colocado “perante a evidência de um tempo suspenso, indeciso dos seus itinerários de futuro, talvez definitivamente esgotado naquilo que até aí tinham sido os seus princípios estruturantes” (p. 21).

Quanto ao regresso mencionado no poema al bertiano, podemos partir de uma bifurcação nas ideias em torno dessa temática: em primeiro lugar o regresso do passado a este presente na tentativa de construir algures, um futuro diferenciado, mesmo que isso não seja fácil; e o regresso ao passado, questionando as verdades cristalizadas

no decorrer do tempo. Contudo, o regresso às praias lusitanas, em especial ao cais metaforizado, indica a refacção dos movimentos dos heróis portugueses, traz apenas a fractal memória do sujeito poético à contemporaneidade, como se pode ver no poema *Regresso ao cais*, transcrito abaixo.

no marítimo lodo da fala fazem
ninho
pássaros de sal com suas asas
afiadas
sulcam
o susto de ficar sozinho
e a cabeça sibilante duma libélula
esvoaça
na visão dourada do sonho o tempo
circular dos dedos
no copo as mãos em movimento de
esquecidos barcos
sobre vagas de poalha estelar onde
naufragam
as palavras sem nexos e repetidos
gestos

devasso percursos de entorpecidas
praias
algures no estilhaço rubro dos
mapas abandono
o que amei já não tem importância
e regresso
ao isolamento onde a treva se enche
de segredos e
a voz do mar acorda o dormente
coração
do adolescente marinheiro que
partiu para morrer

o sonho agarra-se ao sarro das velas
e
a alba fustiga os vidros da janela
onde
encostei a cara para chorar como as
glicínias
regresso ao cais regresso
com este lamento ao leme os pulsos
cansados
pelo brilho cortante do sal aceso ao
vento que transporta
e agita as silentes sombras de feras
longínquas

e perfura o sono e a gestação
fantástica dos lírios

magoadas águas
reflectindo cicatrizes lancinantes de
néons
o cais por fim o cais onde
desembarcamos e
de nossos corpos não nos
lembramos mais
(AL BERTO, 2009, p. 246).

A menção feita ao Imperador D. Sebastião, confirma aquilo que pretendemos até aqui, isto é, a construção de uma desidentidade lusa, com a subversão de seus mitos e a desconstrução do seu passado, porque o “adolescente marinheiro que partiu para morrer” deixou apenas a sensação de “regresso ao cais”, um retorno que traz consigo “este lamento ao leme os pulsos cansados/ pelo brilho cortante do sal aceso ao vento”. A eterna e melancólica espera pelo messiânico regente, “vindo de magoadas águas” para a instituição do Quinto Império, ocorre no cais “onde desembarcamos e/ de nossos corpos não nos lembramos mais”, lugar em que os olhos são voltados na esperança de uma fuga para um dia melhor.

Portanto, todo o ideário luso desfaz-se lentamente nos livros de Al Berto, dentre os quais o Portugal-Império, como se verá nos poemas inserido no seu último livro, *Horto de Incêndio*, notadamente nos quatro dedicados a Lisboa, dos quais destacamos o número 2.

desejaste um país de silêncio
de chuvas salgadas – sem caminhos
nem sonhos

tiveste um país sombrio
onde a realidade devorou o delírio e
ficou desabitado – este país
nocturno que geme
contra a solidão do corpo –
perguntas-te

que espécie de lume cospem os cardos?

caberá o mar dentro da tua ausência? e o caule

negro dos analgésicos por mim acima... que cidade

de areia construída grão a grão aparecerá?

quantas lisboas estão enterradas? ou submersas?

o vento traz-te o aroma dos trópicos dos tamarindos floridos das avenidas e dos fenos

primaveris das planícies – o vento protege-te – leva-te no alado ácido das geadas e das incertezas

dirás coisas alucinadas – as almas

uma álea de roseiras e

da bruma desprende-se

o adocicado olor da morte

(AL BERTO, 2000, 43, 44).

O Portugal dos sonhos almejado, o quinto império que se estabelecerá em um futuro próximo, aparece no poema al bertiano como “um país sombrio”, noturno, imerso numa solidão melancólica, “onde a realidade devorou o delírio”, onde o espaço urbano “ficou desabitado”, criando no poema um discurso alucinatório cuja paisagem cultural transformou-se apenas em estilhaços de saudade, sendo então rememorada por fractais lembranças, como diz Eduardo Lourenço (2001b), “a paisagem da cultura portuguesa é um deserto de ruínas, um Alcácer Quibir de heroísmo virtual” (p. 57).

Al Berto cria interrogações que vão além de uma resposta esperada, mas que se sobressaem nestes tempos de construção das ruínas e instituição da desidentidade portuguesa, “quantas lisboas estão enterradas? ou submersas?”, configura-se deste modo, como um luto de toda realidade,

conservando incólume o sentimento de saudade dos heroicos tempos, sem a fugacidade possível para nenhum algures (LOURENÇO, 2001b).

Instituindo na cultura e na literatura “o adocicado olor da morte”, porque a Lisboa junto com o país de Al Berto está cravada sob as mutações sofridas no decorrer destes últimos anos do século XX. A sensação de morbidade paira sobre a consciência do povo que se vê cada vez mais distante da constituição do império sebastianista.

Considerações finais

Os vinte anos de inserção de Al Berto na verve literária portuguesa dão conta de uma considerável criação poética. Esses vinte anos de produção estão reunidas na antologia denominada *O Medo*, cuja temática desenvolve-se a partir de devaneios e oníricos sentimentos da realidade da pátria portuguesa exaltada por Luís de Camões em seu poema épico. Os aspectos que figuram as imagens e miragens da lusofonia são subvertidos pelo poeta do medo em uma dessacralização dos mitos instituídos em torno das personalidades dos heróis das navegações.

Deste modo, chegamos à conclusão que o mar, o cais, os heróis portugueses do século XVI e o país sebastianista desintegram-se na contemporaneidade, em especial nos poemas do poeta Al Berto, criando com isso, a desidentidade da lusitana pátria.

Para tanto, mostramos que no decorrer dos séculos configuraram-se no ideário português, imagens que simbolizam a *belle époque* do país em ascensão. Tudo isso embasado nos ensaios do estudioso português Eduardo Lourenço. Além disso, demonstramos que desde o livro de estreia em 1974, até o último em 1997, Al Berto subverte a cultura

portuguesa por meio da desconstrução dos pressupostos históricos, confirmando com isso, o título deste trabalho: *Al Berto e a desidentidade lusa*.

Referências

AL BERTO. **Horto de Incêndio**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

AL BERTO. **O Medo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

LOURENÇO, Eduardo. **A Nau de Ícaro e Imagens e miragens da lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

LOURENÇO, Eduardo. **Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade**. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2001b.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOURÃO, Luís. **Um romance de impoder**. Coimbra: Angelus Novus, 1997.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. **De Camões a Saramago: leituras da pátria portuguesa**. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

PEREIRA, Edgard. **Portugal**. Poetas do fim do milênio. Rio de Janeiro: Sette Letras/ FALE – UFMG, 1999.

SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.